

DESAFIOS PARA A GESTÃO DE ESTOQUES DE INFORMAÇÃO FRENTE ÀS COLEÇÕES EM DIFERENTES CONTEXTOS

Jorge Santa Anna¹

Resumo: As coleções bibliográficas correspondem ao aglomerado de itens informacionais tratados, organizados e sistematizados nos acervos das bibliotecas, os quais requerem constantes intervenções, haja vista garantirem dinamicidade, uso e atualização dos objetos depositados. Resulta-se, desse processo, a necessidade de se realizar a gestão das coleções, viabilizando o crescimento racional do acervo. Embora seja de imprescindível importância, essa gestão na realidade, recebe interferência de inúmeros fatores e desafios, sobretudo no que se refere ao contexto em que a biblioteca está inserida. Sendo assim, apresenta-se, neste artigo, alguns desafios e perspectivas sobre as práticas de formar e desenvolver coleções no âmbito das bibliotecas na contemporaneidade. Analisa o processo de formar e desenvolver coleções, considerando aspectos relacionados a esse processo, como: reflexos advindos das novas tecnologias, maiores desafios impostos à gestão das coleções na atualidade, as modalidades de aquisição e fornecedores, e, por fim, a gestão dos processos e atuação do bibliotecário gestor. Através de investigação realizada em diferentes modalidades de bibliotecas, dentre elas: públicas, acadêmicas, escolares, universitárias e especializadas, os resultados alcançados permitiram afirmar que o contexto em que a unidade está inserida representa o maior fator interferente na forma como as coleções serão gerenciadas, ou seja, as condições estruturais, a liberação de recursos, a presença de bibliotecário-gestor, as necessidades do público alvo e a cultura organizacional refletem nos processos de trabalho desenvolvidos em prol da formação e desenvolvimento das coleções.

Palavras-chave: Gestão de Coleções. Seleção e aquisição. Política de desenvolvimento de coleções. Coleções digitais.

CHALLENGES FOR INFORMATION INVENTORY MANAGEMENT FRONT TO COLLECTIONS IN DIFFERENT SETTINGS

Abstract: The bibliographic collections correspond to the cluster of informational items treated, organized and systematized in the collections of libraries, which require constant interventions, given guarantee dynamics, use and update of the deposited objects. Results up, this process, the need to carry out the management of collections, enabling the rational growth of the collection. While it is of vital importance that management actually receives interference from numerous factors and challenges, especially as regards the context in which the library operates. So, they are presented in this article, some challenges and perspectives on the practices of training and developing collections within libraries nowadays. Analyzes the process of forming and developing collections, considering aspects related to this process, as reflected arising from new technologies, major challenges to the management of collections at present, the procedures for procurement and suppliers, and finally, the management of processes and acting manager librarian. Through research carried out in different types of libraries, such as: public, academic, school, university and specialized, the results obtained allow us to affirm that the context in which the drive is inserted is the biggest factor interfering in how collections are managed, ie the structural conditions, the release of funds, the presence of librarian-manager target audience's needs and organizational culture reflected in the work processes developed to promote the training and development of collections.

Keywords: Collections Management. Selection and acquisition. Collection development policy. Digital collections.

1 INTRODUÇÃO

Formar e desenvolver coleções é um processo que sempre esteve presente no contexto das bibliotecas, desde as origens dessas instituições, através dos primeiros suportes de informação, como os tabletes de argila da Antiguidade, até a contemporaneidade, com o aparecimento das coleções digitais.

Mesmo presente na trajetória evolutiva das bibliotecas, a maneira como as coleções são formadas e desenvolvidas diferencia-se conforme o desenvolvimento tecnológico, assim como a partir da redefinição das políticas que norteiam os objetivos das bibliotecas.

¹ Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor de Departamento de Biblioteconomia da UFES. Pesquisador atuante no ramo da Consultoria Informacional e Normalização de Trabalhos Científicos. Email: Jorge.anna@ufes.br

Em tempos remotos, os acervos eram formados a partir da seleção de itens agrupados em listas produzidas por bibliófilos (WETZEL, 2012). A baixa produção de livros era um fator preponderante para que muitas bibliotecas adquirissem toda a produção bibliográfica até então existente. Vergueiro (1993) afirma que, com o aumento da produção bibliográfica essa preocupação com a quantidade de materiais a serem adquiridos é, aos poucos, substituída pela necessidade de seleção, focando na qualidade das coleções.

Assim, o desenvolvimento de coleções se consolidou como um fazer científico, permeado por critérios consistentes, de modo que as coleções deixaram, tão somente, de serem custodiadas para serem gerenciadas. Em nível de Brasil, por exemplo, a disciplina intitulada “Formação e desenvolvimento de coleções (FDC)” foi incorporada aos currículos de Biblioteconomia, apenas na década de 1980 (VERGUEIRO, 1993). Na contemporaneidade, devido à formação de novas ambiências para disponibilizar as coleções, muitos redefinem essa disciplina como “Gestão de Estoques de Informação” (CORRÊA; SANTOS, 2015).

Assim, é a partir do uso acentuado das novas tecnologias e da internet que as práticas de formar e desenvolver coleções se tornam cada dia mais complexas, por conseguinte, instiga novos estudos e viabiliza novas perspectivas para essa área (WETZEL, 2002). Não resta dúvida de que, a explosão bibliográfica, o crescimento de pesquisas em ciência e tecnologia, o crescimento das bibliotecas universitárias e a falta de espaço físico, as atividades em prol das coleções são repensadas, havendo a necessidade de se instituir um processo de gestão aos acervos das bibliotecas (VERGUEIRO, 1993; WETZEL, 2002; WEITZEL, 2006). Logo, o desenvolvimento de coleções passou a ser uma prioridade nos fazeres dos profissionais da informação.

A partir dessa evolução, este estudo objetiva apresentar alguns desafios e perspectivas sobre as práticas de formar e desenvolver coleções no âmbito das bibliotecas na contemporaneidade. Analisa o processo de formar e desenvolver coleções, considerando aspectos relacionados a esse processo, como: reflexos acerca das tecnologias; desafios frente à gestão das coleções; modalidades de aquisição e fornecedores, e, por fim; gestão dos processos e atuação do bibliotecário gestor.

Metodologicamente, foram selecionadas algumas bibliotecas existentes no município de Vitória, estado do Espírito Santo (ES) e que possuíam bibliotecário atuando. A amostra totalizou vinte unidades, distribuídas nas seguintes modalidades: públicas, acadêmicas, especializadas, escolares e universitárias, sendo cada modalidade representada por cinco bibliotecas.

Presume-se, *a priori*, que existam diversos fatores que possam interferir na forma como os processos de trabalho em prol da formação e desenvolvimento da coleção se desenvolvem, sobretudo o contexto em que a unidade esteja vinculada, assim como constatou o estudo de Santa Anna, Calmon e Campos (2013), no que se refere à catalogação. Semelhante ao estudo de Vergueiro (1993), o qual sinalizou que em cada modalidade de biblioteca as práticas de formar e desenvolver coleções concretiza-se de formas diferenciadas; presume-se constatar essas diferenças com maior intensidade entre as diversas modalidades de bibliotecas.

2 GESTÃO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Quando se fala em gestão, palavra advinda da ciência administrativa, esta remete-se ao conjunto de práticas que visam o controle, a condução de processos de trabalho, objetivando estabelecer direcionamento para que se atinjam objetivos previamente estabelecidos (CURY, 2007).

Logo, entende-se que a gestão está atrelada às práticas administrativas e é necessária em todo e qualquer ambiente em que pessoas e recursos interagem-se de modo a atingir um fim em comum. Assim, a gestão é permeada por diversas ações, como: carregar, chamar a si, executar, exercer, gerar, gerenciar, dentre tantas outras ações similares (CURY, 2007).

Inicialmente, o termo esteve ligado à Administração, sobretudo no decorrer das últimas décadas do século XX, quando se sentiu a necessidade de investir em metodologias mais específicas para controlar os

recursos organizacionais (CHIAVENATO, 1999). No entanto, na atualidade, o referido termo passou a ser utilizado em diversos contextos, sendo objeto de pesquisa para inúmeras áreas do conhecimento (WILKER, 2015).

No âmbito empresarial, por exemplo, o processo de gestão corresponde ao conjunto de procedimentos e determinações que identifica e facilita que a organização atinja um resultado, havendo, para atingir esse fim, o estabelecimento do controle, intervenção e monitoramento, de modo que as práticas sejam conduzidas de acordo com filosofia específica e controlada (MARTINS, 2004).

Por conseguinte, não resta dúvida de que a prática da gestão é requerida em todo contexto organizacional, em que indivíduos estejam interagindo com o intuito de permitir que as atividades existentes nos processos de trabalho desenvolvam-se de forma harmoniosa e obedeçam a padrões e normas instituídas no ambiente de trabalho. Não resta dúvida de que a prática da gestão insere-se nesse contexto, configurando-se como um método interventivo de modo a controlar e conduzir os processos organizacionais (MARTINS, 2004).

Assim, percebe-se que a gestão é um elemento imprescindível para conferir sucesso a qualquer atividade, principalmente se essa for realizada de forma coletiva, com diferentes indivíduos (GASALLA, 2015). Segundo esse autor, a gestão viabiliza a melhoria da performance da organização, permitindo que as atividades se desenvolvam de forma certa, no momento certo e atendendo a rigores estabelecidos e aceitos.

Em linhas gerais, a gestão coloca-se a serviço da trindade: produtos, processos e pessoas. Isso porque essa trindade corresponde às bases das empresas, sejam elas de qualquer modalidade, havendo necessidade de intervenção por parte do gestor nesses elementos, para que os objetivos sejam alcançados com segurança, rapidez, consistência e, principalmente, excelência (SILVA, 2012).

Tendo em vista que as unidades de informação, especificamente as bibliotecas, são consideradas organizações (MACIEL; MENDONÇA, 2006), uma vez que se constituem por informação, tecnologias e, principalmente, por pessoas, há necessidade de estabelecer práticas de gestão, haja vista controlar os processos de trabalho, estabelecendo medidas de controle e corretivas, de modo que os objetivos da unidade de informação sejam alcançados.

Segundo estudo defendido por Rodrigues, Castro e Santos (2013), as bibliotecas devem ser gerenciadas, utilizando técnicas administrativas em seus setores, implantando um planejamento estratégico próprio e que esteja vinculado à instituição mantenedora, buscando treinamentos constantes para sua equipe de trabalho, além de implantar uma política de qualidade com metas a serem cumpridas, tendo sempre o cliente como foco principal.

No entendimento desses autores, as bibliotecas precisam acompanhar as mudanças que estão acontecendo no que diz respeito ao gerenciamento de seus produtos e serviços. A fim de atingir a satisfação de seus usuários no que se refere aos produtos e serviços oferecidos, essas unidades devem ser conduzidas por gestores qualificados, possuidores de postura proativa e utilizem técnicas específicas da administração para gerenciar seus centros de informação. Além disso, esses autores consideram que as bibliotecas devem “[...] buscar parcerias, realizar palestras, promover treinamentos, visando sempre a satisfação do cliente/usuário como foco principal de seus serviços” (RODRIGUES; CASTRO; SANTOS, 2013, p. 102).

A necessidade da gestão torna-se ainda mais necessária diante dos novos paradigmas instituídos pela sociedade moderna, em que a biblioteca deixou de ser um ambiente estático e isolado, para tornar-se sistema aberto, dinâmico e em prol de objetivos específicos (SANTA ANNA, 2015). Segundo esse autor, a mudança de paradigma em que o foco das atenções volta-se para o usuário e suas necessidades representa um momento de adequação da unidade aos novos contextos instituídos na sociedade.

O paradigma do acesso, um dos mais evidenciados nas bibliotecas do presente, sobretudo com o desenvolvimento tecnológico, o qual proporcionou novas formas de disponibilização e acesso da informação, tem viabilizado novos fazeres às bibliotecas, principalmente no que se refere ao tratamento das coleções que formam os acervos bibliográficos. Assim, concretiza-se a necessidade de se gerenciar

essas coleções, instituindo procedimentos que vão além da guarda e preservação dos acervos bibliográficos.

2.1 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES: DA CUSTÓDIA À GESTÃO

O trabalho desenvolvido nos acervos bibliográficos, haja vista formar e desenvolver as coleções inseridas nesses acervos constitui um conjunto de práticas realizadas desde o surgimento das primeiras bibliotecas. Martins (2001) relata que a preocupação com a guarda e preservação dos materiais depositados nas bibliotecas sempre existiu. O que diferenciava o trabalho realizado sobre essas coleções nos diversos períodos históricos não eram as práticas de tratamento, mas sim, as práticas de disseminação e acesso à informação pelo público.

De modo geral, antes do período da democratização do conhecimento, estágio evolutivo da biblioteca ocorrido no decorrer da Idade Moderna, em que as coleções tornaram-se mais acessíveis (MARTINS, 2001), as bibliotecas tinham o propósito de armazenar toda a produção bibliográfica produzida no mundo, tornando-se valorizada pela quantidade de itens que conseguia armazenar em seus acervos (MILANESI, 2002).

Da Pré-história até o final da Antiguidade, o objetivo fim dessas unidades de informação era armazenar materiais informacionais produzidos pelo homem registrados através de suportes específicos que garantissem sua preservação ao longo dos tempos. Já na Idade Média, as coleções monásticas cumpriram a missão de apenas armazenar e conservar os documentos produzidos na Antiguidade, restringindo, ao máximo, seu acesso e uso (SANTA ANNA, 2015).

A partir das grandes revoluções ocorridas na Idade Moderna, como a invenção da imprensa, o crescimento das universidades, as mudanças políticas e econômicas provocadas pela Revolução Francesa, novos paradigmas redefinem o papel da biblioteca na sociedade (MARTINS, 2001). Como consequência dessas revoluções, sobretudo com a invenção da imprensa e do crescimento da produção bibliográfica tornou-se impossível a inserção nos acervos bibliográficos de tudo que se publicava (WETZEL, 2012).

Segundo Weitzel (2012), é a partir desse contexto que houve a necessidade de estabelecer critérios, no intuito de selecionar apenas o que era mais pertinente para as bibliotecas. No entanto, a atividade de seleção, a princípio, representou-se como desafiadora para essas unidades. Portanto,

Tendo em vista essa dificuldade para selecionar as melhores obras, era bastante comum seguir as recomendações de bibliófilos. No século XIX, suas obras se tornaram verdadeiros guias para auxiliar na seleção das obras mais pertinentes às bibliotecas, tanto do ponto de vista técnico quanto prático, uma vez que os títulos recomendados para fazer parte do acervo estavam listados com as apreciações dos bibliófilos (WEITZEL, 2012, p. 180).

Nesse contexto, se no passado, as bibliotecas objetivavam colecionar a produção bibliográfica, preocupadas com a custódia do material produzido na sociedade, essa tendência é repensada a partir do crescimento exponencial da literatura. Sendo assim, a explosão bibliográfica representa um dos fatores mais interferentes na forma como as coleções passaram a ser tratadas. A esse respeito, Weitzel (2002) disserta que essa explosão viabilizou uma maior preocupação com o desenvolvimento das coleções, que passou a ser considerado como o “filtro” do conhecimento.

No entendimento de Miranda (2007, p. 5), a explosão informacional, aliada ao desenvolvimento das tecnologias proporcionou aos responsáveis pelas unidades de informação a necessidade de estabelecer intervenções sobre a coleção de modo a avaliar seu uso ante as necessidades da comunidade. Logo, essa autora defende a necessidade de administração das coleções, diferentemente do que acontecia no passado, em que a unidade visava, tão somente, aglomerar materiais bibliográficos, uma vez que “[...] acervos com grande quantidade de volumes representavam garantia de *status* e poder, e o foco estava centrado na oferta de documentos e não na qualidade”.

Para realizar uma intervenção mais criteriosa no acervo, haja vista realizar sua administração, é preciso o estabelecimento de métodos e técnicas científicas, de modo a controlar o crescimento do acervo,

que deve ocorrer em consonância com as necessidades demandadas pelos usuários da informação. Nesse sentido, as atividades de formar e desenvolver as coleções, na atualidade, tem se constituído como “[...] recurso fundamental para se **administrarem as coleções** de acordo com os interesses e o perfil daqueles que necessitam de informações específicas [...]” (WEITZEL, 2002, p. 3, grifo nosso).

Percebe-se que as atividades de formar e desenvolver coleções se tornaram-se mais complexas, exigindo uma intervenção mais cuidadosa dos profissionais que atuam junto aos acervos bibliográficos. Assiste-se hoje um processo dinâmico, conduzido por etapas e procedimentos metódicos, os quais consolidam o processo de gestão das coleções, este último conduzido por atividades científicas e administrativas (VERGUEIRO, 1993).

Gerenciar coleções representa um trabalho que requer um conjunto de parcerias, principalmente nas bibliotecas universitárias, que passa pela administração da instituição, pelo usuário que irá utilizar aquela bibliografia até chegar ao seu objetivo, que é disponibilizar a informação, evitando assim que haja um abarrotamento no acervo (NASCIMENTO; SANTOS, 2012).

Realiza-se gestão das coleções, no intuito de permitir que os materiais acondicionados nas coleções cresçam harmoniosamente em todas as áreas do acervo, evitando, dessa forma, o crescimento desordenado do acervo, assim como evitando que ele se desenvolva sem metas ou objetivos definidos (MIRANDA, 2007). A mesma autora profere que esse processo deve ser constituído por planejamento e conduzido por etapas ininterruptas, caracterizando-se como uma atividade regular e permanente, sem desconsiderar o contexto específico de cada tipo de unidade de informação em função dos seus objetivos e públicos, sem que uma etapa chegue a se distinguir das outras.

Ainda, segundo Miranda (2007, p. 6), “a determinação de normas para seleção e aquisição de materiais informacionais disciplina esse processo, tanto em quantidade como em qualidade, segundo a realidade de cada biblioteca, direcionando o uso racional dos recursos financeiros”.

As atividades de formar e desenvolver coleções devem ser gerenciadas. Isso porque essas atividades, com o fim de se desenvolverem, sistematicamente, e em sintonia com os objetivos organizacionais e das necessidades do público devem ser planejadas, o que irá exigir um comprometimento dos gestores com a institucionalização de metodologias. Essas atividades devem, também, ser conduzidas considerando os reflexos oriundos de fatores internos e externos que interfiram no desenvolvimento dessas atividades (VERGUEIRO, 1989).

Se o processo de formação e desenvolvimento de coleções deve ser conduzido por meio de etapas sistematizadas, entende-se que deve ser observado pelo responsável pela gestão da coleção, todos os aspectos que possam de alguma forma interferir na formação e crescimento do acervo, considerando o ambiente interno e/ou externo em que a unidade esteja inserida.

Nesse contexto, a gestão das coleções deve ser realizada de forma sistêmica, ou seja, deve ser viabilizado um “[...] processo de identificação dos pontos fortes e fracos de uma coleção de materiais de biblioteca em termos de necessidades dos usuários e recursos da comunidade e tentando corrigir as fraquezas existentes, quando constatadas” (EVANS, 1979 apud VERGUEIRO, 1993, p. 16).

A gestão de coleções deve ser realizada em consonância com a realidade em que a biblioteca está inserida; ela deve ser conduzida por meio de modelos teóricos que evidenciam a adequação dos procedimentos ao estilo, cultura e políticas institucionais. Assim sendo, considerando a gestão como processo sistêmico, recomenda-se sua condução por meio de oito etapas, conforme destacado no modelo de gestão estabelecido por Evans (1979). As etapas a serem consideradas são as seguintes: estudo da comunidade; política de seleção; seleção; aquisição; desbastamento e avaliação.

Essas etapas, segundo Evans (1979), devem interagir entre si, de modo que uma complemente o trabalho da outra, configurando um trabalho relacional e sistematizado. Weitzel (2013) considera que a gestão, com vistas a ser realizada da melhor maneira possível, irá requerer o estabelecimento de outras etapas, resultando um total de nove etapas atreladas entre si: estudo da comunidade; política de seleção; seleção; aquisição; política de aquisição; desbaste, incluindo o descarte; política de desbastamento;

avaliação da coleção e política de avaliação. A referida autora compara o processo de gestão de coleções com a estruturação de um guarda-chuva, afirmando que:

A analogia do guarda-chuva pode ser útil para explicar conceitualmente a relação entre o processo e política de desenvolvimento de coleções com suas respectivas etapas, bem como a relação da interdependência entre elas. Cada etapa é formada por seu respectivo processo e política, e juntas, formam o conceito de 'Desenvolvimento de Coleções' (WEITZEL, 2013, p. 20-21).

Por ser um conjunto de atividades que devem ser conduzidas por meio de diferentes etapas, sendo essas devidamente relacionadas e sustentadas por procedimentos científicos, em concomitância com a realidade institucional e com o perfil dos usuários, entende-se haver, na contemporaneidade, a necessidade de se estabelecer a gestão das coleções, permitindo que o acervo cresça de forma ordenada, com racionalidade e qualidade.

As coleções para serem bem desenvolvidas irão requerer, também, o estabelecimento de critérios que conduzam as práticas de seleção, aquisição e desbastamento ou descarte. Para tanto, não resta dúvida o constante trabalho de avaliação ou monitoramento, haja vista estabelecer medidas interventivas e corretivas em cada uma das etapas, visando, a melhoria contínua das atividades (LANCASTER, 1996).

Sendo assim, o processo de formar e desenvolver a coleção consolida-se de forma dinâmica e contínua, permitindo corrigir imperfeições haja vista justar-se conforme as necessidades locais, logo, viabilizando melhoria contínua de todas as atividades e de todo o processo de trabalho realizado em prol das coleções bibliográficas.

2.2 FATORES INTERFERENTES À GESTÃO DE COLEÇÕES

A gestão de coleções, na contemporaneidade, consolida-se como uma prática necessária nas unidades e serviços de informação. Diversos fatores, nas últimas décadas do século XX, têm contribuído para que as coleções não pudessem mais, apenas, serem custodiadas, mas precisavam ser conduzidas por métodos científicos que garantissem o desenvolvimento do acervo de acordo com necessidades específicas.

Vergueiro (1993) aponta inúmeros fatores que permitiram a redefinição dos processos de trabalho em torno da formação e crescimento da coleção. A mudança de paradigma da biblioteca, adentrando-se ao contexto da Sociedade da Informação é considerada, em grande parte, como um dos motivos que viabilizou transformações em todos os fazeres e processos de trabalho das unidades de informação.

A explosão bibliográfica intensificada a partir dos anos de 1970, juntamente com os novos suportes de informação que passaram a ser disponibilizados em ambiente digital têm sido considerados os fatores mais influentes na necessidade de se repensar as práticas realizadas em favor do desenvolvimento das coleções bibliográficas (VERGUEIRO, 1993; WETZEL, 2002; MIRANDA, 2007; SANTA ANNA, 2014).

As mudanças acometidas às bibliotecas nas últimas décadas do século XX foram cruciais para exigir a necessidade da gestão das coleções. A qualidade dos serviços e produtos oferecidos nas unidades de informação; a falta de espaço físico para acomodar os itens adquiridos; a atenção voltada às necessidades do usuário; o abarrotamento de coleções; o aumento da demanda por pesquisas em bibliotecas universitárias; as considerações aos usuários reais e potenciais, estes são considerados fatores de suma importância quanto às práticas de trabalho realizadas na manutenção das coleções (VERGUEIRO, 1993).

Figueiredo (1993) considera que a partir da década de 1970 houve o crescimento das bibliotecas públicas, especializadas e universitárias e uma maior atenção, por parte dos bibliotecários nos usuários reais e potenciais dessas unidades, o que proporcionou a realização de estudo de usuário e de comunidade. Essas são circunstâncias que afetaram a oferta de produtos e serviços nas unidades de

informação e a necessidade de administrar as práticas profissionais realizadas nos ambientes de informação.

O aumento da produção bibliográfica é apontado pela literatura como um dos maiores motivos que desencadeou o estudo científico dos procedimentos realizados em prol da formação e desenvolvimento das coleções. Esse acontecimento provocou algumas dificuldades na seleção de materiais relevantes para pesquisas científicas já que não havia meios de controlar aquilo que era publicado, sendo, pois, impossível absorver tudo o que era produzido, além de acompanhar a velocidade das informações que surgiam a todo o momento (VERGUEIRO, 1993; WETZEL, 2002).

Através de estudo realizado em biblioteca universitária, Santa Anna (2014) menciona que a explosão bibliográfica e a escassez de espaço para abrigar as coleções são fatores que proporcionaram a adoção de mecanismos que permitissem o desenvolvimento racional das coleções, considerando critérios de qualidade.

A origem dos documentos digitais, assim como a disponibilização desses suportes em ambiente digital tem sido outro fator de grande interferência nas atividades de formar e desenvolver coleções. As coleções disponibilizadas e gerenciadas no ambiente digital pressupõem a adoção de novos métodos e técnicas no processo de gerenciamento, além de tornar possível a disponibilização de coleções especializadas, viabilizadas por meio de plataformas digitais (WEITZEL, 2006).

Nesse contexto, a gestão do conjunto do acervo faz-se ainda mais necessária, dada as complexidades dos objetos digitais, no que se refere à sua integridade e segurança. Weitzel (2002, p.65) considera que:

As questões discutidas pela sociedade em torno de sua relação com o documento eletrônico facilitam a compreensão da importância do processo de desenvolvimento de coleções para a organização de bibliotecas analógicas e digitais [...] Não há precedente na história da humanidade de um formato de registro da informação que ofereça tantos recursos de edição e recuperação de dados em questão de segundos e, o que é mais importante, sem a necessidade de deslocar-se fisicamente para obtê-los.

Com o aparecimento dos documentos digitais e a incorporação desses aos acervos bibliográficos, além de sua disponibilização na internet, novos procedimentos são definidos havendo a necessidade de gestão da informação nesses espaços. O gerenciamento, nesses ambientes, precisa ser mais dinâmico e considerar os documentos, os fluxos e os estoques de informação. Assim, segundo Correa e Santos (2015), manifesta-se a necessidade de gerenciar os estoques de informação que sustentam o fluxo informacional no ambiente eletrônico.

A gestão dos estoques de informação, nomenclatura proposta por Correa e Santos (2015), contempla processos mais complexos, o que requer um perfil mais capacitado por parte dos bibliotecários a esse tipo específico de gestão. A disponibilização dos documentos em ambiente eletrônico irá requer maior conhecimento e atitude profissional, pois:

[...] não basta digitalizar o material e disponibilizá-lo, antes disso é preciso estudar os processos envolvidos na gestão de coleções digitais, dentre eles, o de controle, a questão dos direitos autorais, o armazenamento e a manutenção ou preservação desses conteúdos digitais ao longo do tempo [...] (FELICIO; DIAS; TROGLIO, 2013, p. 89).

Semelhantemente às coleções impressas, o planejamento das coleções digitais possibilitará definir toda a infraestrutura necessária com relação a software e hardware para suportar essas coleções digitais, bem como especificar os formatos e resoluções mais adequados para garantir o acesso aos conteúdos por longos períodos de tempo (FELICIO; DIAS; TROGLIO, 2013). Segundo esses autores, é necessário pensar coletivamente, com diversos atores da instituição, especialmente com o pessoal de tecnologia da informação. O planejamento do processo de digitalização exige conhecimento interno e externo à organização, ou seja, é necessário conhecer, analisar e avaliar o material com que se vai trabalhar para

prover as condições adequadas com referência à infraestrutura e ao pessoal para o desenvolvimento pleno dos trabalhos.

Vê-se o quanto o processo de formar e desenvolver coleções vem sofrendo alterações ao longo dos tempos, estando em um momento de redefinição e, talvez, de encruzilhada, mas com possibilidades múltiplas de ampliação, diante dos novos formatos de disponibilização dos documentos em ambiente digital. Esse fato viabiliza novas discussões acerca de como se realizar uma gestão sem perder seus pontos norteadores, como a obediência aos preceitos e contexto organizacionais e a satisfação dos usuários.

Em linhas gerais, nota-se que a biblioteca manifesta-se como um organismo dinâmico e flexível, em constante crescimento e melhorando continuamente seus processos de trabalho para que seus produtos e serviços satisfaçam as exigências dos diversos públicos atendidos pela unidade. É preciso realizar um trabalho interventivo e inovador, criando a partir das oportunidades internas e externas um novo serviço ou produto, no sentido de tornar a biblioteca mais competitiva junto ao meio (AMBONI, 2013).

Essas discussões inovadoras para a área da Biblioteconomia com foco na gestão das coleções conduzem-nos a analisar o contexto real das bibliotecas, haja vista perceber como essas intervenções vem sendo percebidas e conduzidas pelos profissionais que atuam nessas unidades. Assim, serão apresentados, a seguir, os dados de pesquisa realizada *in loco*, no âmbito de vinte bibliotecas, considerando aspectos relacionados ao processo de Formação e Desenvolvimento de Coleções, como: reflexos advindos das novas tecnologias, maiores desafios impostos à gestão das coleções na atualidade, as modalidades de aquisição e fornecedores, e, por fim, a gestão dos processos e atuação do bibliotecário gestor.

3 MÉTODO DA PESQUISA

Metodologicamente, foram selecionadas vinte bibliotecas no município de Vitória/ES e que possuíam bibliotecário atuando. Esses profissionais exerciam atividades específicas na aquisição de materiais a serem incorporados ao acervo, assim como realizavam constantes intervenções no acervo haja vista encontrar itens com baixa demanda ou precisando de reparos, os quais eram encaminhados para o setor de remanejamento ou restauração, respectivamente. Percebe-se que esses bibliotecários atuavam na condição de gestores e formadores de coleções.

A amostra totalizou vinte unidades, distribuídas em diferentes modalidades: públicas, acadêmicas, especializadas, escolares e universitárias², sendo quatro bibliotecas para cada modalidade.

Trata-se de um trabalho quali-quantitativo, pois ao mesmo tempo em que coleta dados, de acordo com uma realidade estudada, analisa, sistematiza e compara esses dados com resultados advindos de outros estudos. Essa abordagem na análise dos dados, segundo Godoi, Bandeira-de-Melo e Silva (2006), está voltada tanto para a compreensão de um determinado processo social quanto para as relações estabelecidas entre variáveis.

Como técnica de pesquisa, formulou-se um questionário com perguntas fechadas. Os questionários foram enviados via email e retornaram em um período máximo de três semanas. Também foram inseridas no questionário, duas perguntas abertas, analisando se as unidades possuem coleções digitais disponibilizadas em ambiente web e se há presença de um bibliotecário gestor.

Os dados coletados a partir das perguntas fechadas foram analisados e sistematizados em gráficos, haja vista proporcionar maior visibilidade, ao serem comparados nas diversas variáveis estabelecidas. Quanto às respostas oriundas das perguntas abertas, elas foram interpretadas a partir da resposta do entrevistado e comparadas com as reflexões propostas por teóricos da área.

² Bibliotecas universitárias são aquelas pertencentes às Instituições de Ensino Superior caracterizadas como universidades. As demais instituições de ensino superior possuem bibliotecas denominadas acadêmicas.

3.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1.1 Dos reflexos oriundos das novas tecnologias ao processo de formar e desenvolver coleções

Analisando as perguntas abertas, a respeito das coleções digitais, perguntou-se: “Essa unidade possui algum tipo de coleção disponibilizada em ambiente digital? São disponibilizados produtos e serviços por meio de websistes?”. De acordo com os relatos dos entrevistados, notou-se que, apenas quatro bibliotecas, uma especializada, duas escolares e uma pública, ainda não oferecem nenhuma coleção em ambiente digital. Os profissionais relatam que a unidade possui site, no entanto, ainda não disponibiliza documentos digitais. Existe a possibilidade, em um futuro próximo, de serem digitalizadas algumas obras antigas, o que poderá viabilizar a disponibilização dessas obras no site. As demais bibliotecas possuem site e oferecem repositórios de trabalhos acadêmicos e artigos científicos, além de obras raras digitalizadas, com acesso remoto.

A respeito da disponibilização das coleções em ambientes digitais é preciso considerar, em primeiro lugar, os recursos financeiros que a instituição possua para manutenção de coleções nesse ambiente, além de considerar-se, também, as necessidades dos usuários, pois dependendo do perfil da comunidade servida, essas coleções possam não ter um acesso esperado que justifique sua incorporação ao espaço digital (RICÓN FERREIRA, 2015).

Caso o perfil da comunidade demande a disponibilização de coleções digitais, é preciso unir esforços haja vista utilizar/aproveitar as potencialidades das tecnologias da informação no que se refere à formação e manutenção de coleções digitais, fato esse bastante presente no contexto brasileiro (RICÓN FERREIRA, 2015). Assim:

A convergência dos avanços na computação e nas tecnologias de comunicação tem tido um impacto significativo na maneira como os sistemas de informação estão sendo criados, administrados e utilizados. As bibliotecas, especificamente, estão incorporando novas políticas de desenvolvimento de suas coleções e disponibilizando novos produtos e serviços de informação na Internet (RICÓN FERREIRA, 2015, não paginado).

Uma das perguntas fechadas do questionário analisou aspectos referentes às atividades de formar e desenvolver coleções em ambientes digitais. Foi indagado se com o uso das coleções digitais, as atividades envolvidas à gestão de coleções serão extintas. Todas as unidades pesquisadas consideraram que, mesmo com a formação de coleções digitais, as atividades de formar e desenvolver coleções continuarão sendo utilizadas e necessárias.

Ao serem indagados sobre a utilização das tecnologias nos processos da gestão de coleções, por unanimidade, todos os entrevistados consideraram que elas facilitam os processos de trabalho.

Percebe-se que os bibliotecários reconhecem a necessidade de atuação no ambiente digital. Isso porque, conforme narrado na literatura, as novas tecnologias têm proporcionado o aparecimento do documento eletrônico e a gestão de coleções locais. No intuito de garantir maior segurança, autenticidade e confiabilidade a essas coleções, torna-se imprescindível o uso das técnicas e metodologias que perfazem o processo de gestão das coleções (WEITZEL, 2002).

Pesquisa realizada por Galdino e Silva (2015) demonstrou, a princípio, que a atuação do bibliotecário na gestão de coleções digitais, sobretudo no tratamento com os *e-books*, apresenta-se como problemática até o momento. Segundo esses autores, isso pode ser em decorrência da formação ineficiente quanto ao entendimento das características do objeto digital e do ambiente em que ele é incorporado. No entanto, os autores consideram que hoje o bibliotecário trabalha com o conteúdo e não necessariamente com o suporte a qual está veiculada uma obra. Tal afirmação corrobora com a premissa de que as mudanças na forma de apresentação da informação impulsionam o aprimoramento constante do profissional no exercício de sua profissão.

Com base nos desafios impostos pelas coleções digitais, Galdino e Silva (2015) recomendam que:

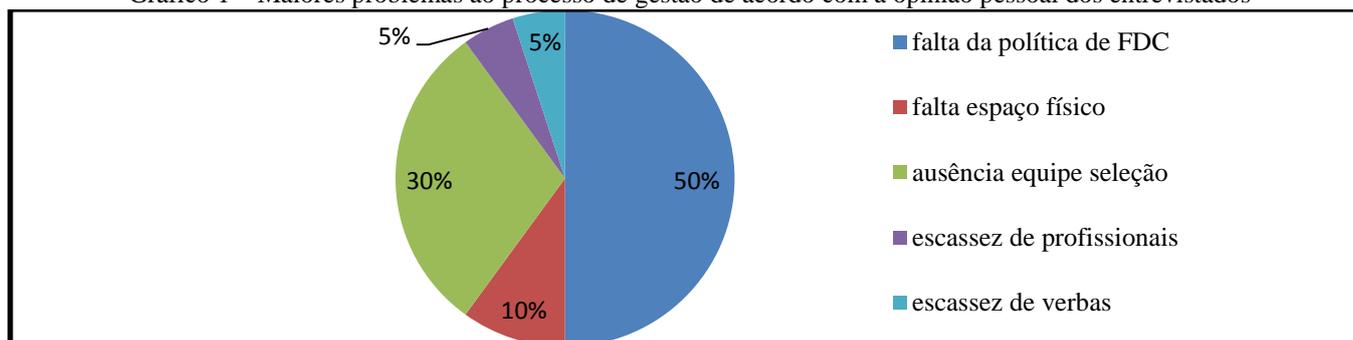
[...] os profissionais da informação precisam, cada vez mais, serem atores no processo de comercialização de obras digitais. Além de entenderem das especificidades do mercado editorial de *e-books*, devem saber gerir com proficiência suas coleções digitais. Assim sendo, ele necessita aprimorar seus conhecimentos e atividade, e também os produtos e serviços oferecidos pela unidade de informação (GALDINO; SILVA, 2015, p. 96).

Essa reflexão remonta a dois apontamentos: mudanças na formação acadêmica, sustentada por um currículo em que priorize disciplinas de tecnologias e, também; a necessidade do investimento do profissional em sua formação continuada, realizando cursos extras que o capacite na atuação com as tecnologias.

3.1.2 Dos maiores desafios acarretados ao processo de gestão das coleções

Quando perguntado sobre o maior desafio para o bibliotecário moderno (considerando o contexto geral da Biblioteconomia), no que tange ao processo de gestão, 50% (dez respondentes) consideram a falta da política, 10% (dois indivíduos) consideram o espaço físico, 30% (seis entrevistados) ausência da equipe de seleção. Entre os dois sujeitos restantes, um considera a escassez de profissionais e outro a de verbas (Gráfico 1).

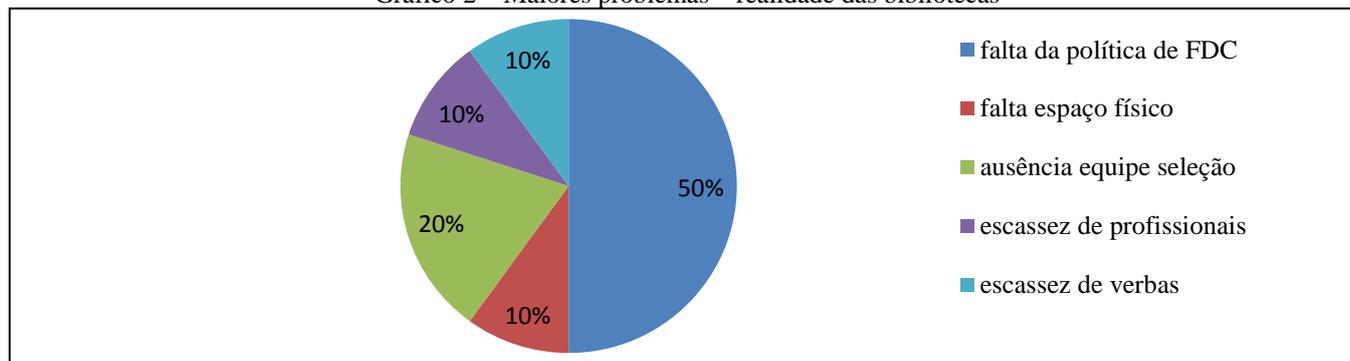
Gráfico 1 – Maiores problemas ao processo de gestão de acordo com a opinião pessoal dos entrevistados



Fonte: o autor (2015).

Perguntados sobre esses mesmos desafios no cotidiano da unidade onde trabalham, obtiveram-se as seguintes respostas: 50% (dez respondentes) consideram a falta da política, 10% (dois sujeitos) entendem como problema maior a falta de espaço físico, 20% (quatro pessoas) disseram ser a falta da equipe de seleção. Dentre quatro, dois consideram a escassez de profissionais (10%) e outros dois, a falta de verba (10%) (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Maiores problemas – realidade das bibliotecas



Fonte: o autor (2015).

Analisando os dados acima, percebe-se que a ausência da política de gestão constitui um dos maiores problemas das bibliotecas investigadas, seja analisando a opinião pessoal dos bibliotecários, seja considerando a realidade em que atuam. A falta da equipe de seleção aparece em segundo lugar. A equipe de seleção, segundo Vergueiro (2010), juntamente com a política, são fatores imprescindíveis a uma efetiva gestão, pois elas conferem respaldo às atividades, tendo em vista contribuir no processo decisório, fundamentando-o.

A respeito da política de gestão, a literatura é unânime ao discorrer acerca da necessidade e importância que esse documento representa nas tomadas de decisões. Assim, essa política visa a estabelecer as normas e padrões que orientam o processo decisório, a fim de determinar a conveniência de se adquirir, manter e descartar coleções (MIRANDA, 2007).

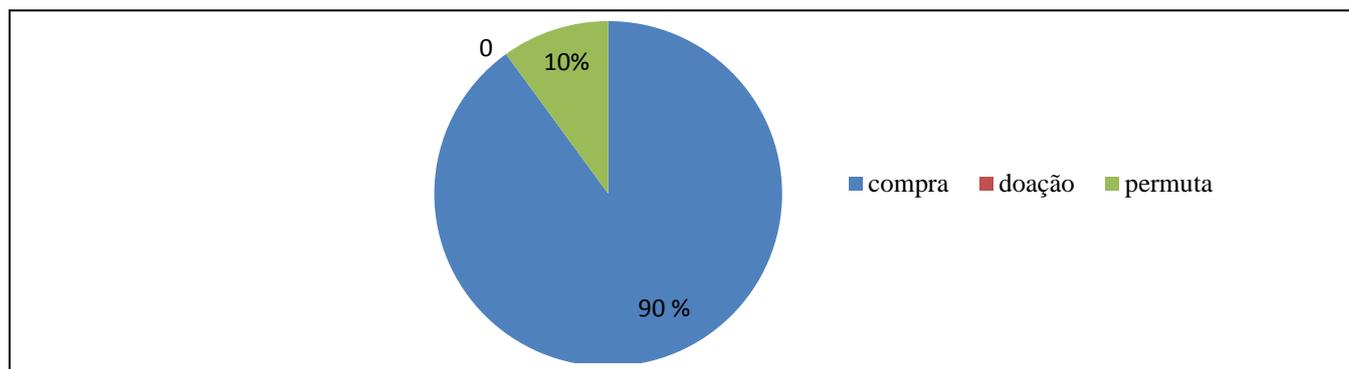
Considerando as respostas supracitadas no âmbito das modalidades de bibliotecas, constatou-se os seguintes dados: todas as bibliotecas escolares, três públicas, duas especializadas e uma acadêmica consideram a falta da política; duas bibliotecas universitárias consideram a falta de espaço físico; outras duas universitárias, uma pública e uma especializada atribuem o maior problema à ausência da equipe de seleção; já em uma especializada e duas acadêmicas o problema está na escassez de profissionais; por fim, uma especializada e uma acadêmica atribuíram à escassez de verbas o maior problema acometido à gestão das coleções.

De modo geral, percebe-se que existem diferentes desafios acometidos à gestão das coleções no contexto da amostra desta pesquisa (20 bibliotecas). No entanto, os dados também demonstram que, mesmo entre as bibliotecas de mesma modalidade, esses desafios são diferenciados, o que confirma a forte interferência do contexto institucional em que a biblioteca está vinculada.

3.1.3 Das modalidades de aquisição e dos fornecedores

Quanto às modalidades de aquisição, perguntou-se: “Qual a modalidade de aquisição mais utilizada nesta biblioteca?”. Importante mencionar que, no âmbito dessa pergunta, não foi investigado, o porquê dessa preferência, o que demonstra a viabilidade em realizar pesquisas futuras a respeito dessa questão. Para a maioria dos respondentes, 90% (18 indivíduos), a unidade opta, como prioridade, pela compra. Apenas 10% (dois respondentes) disseram preferir a permuta (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Modalidades de aquisição



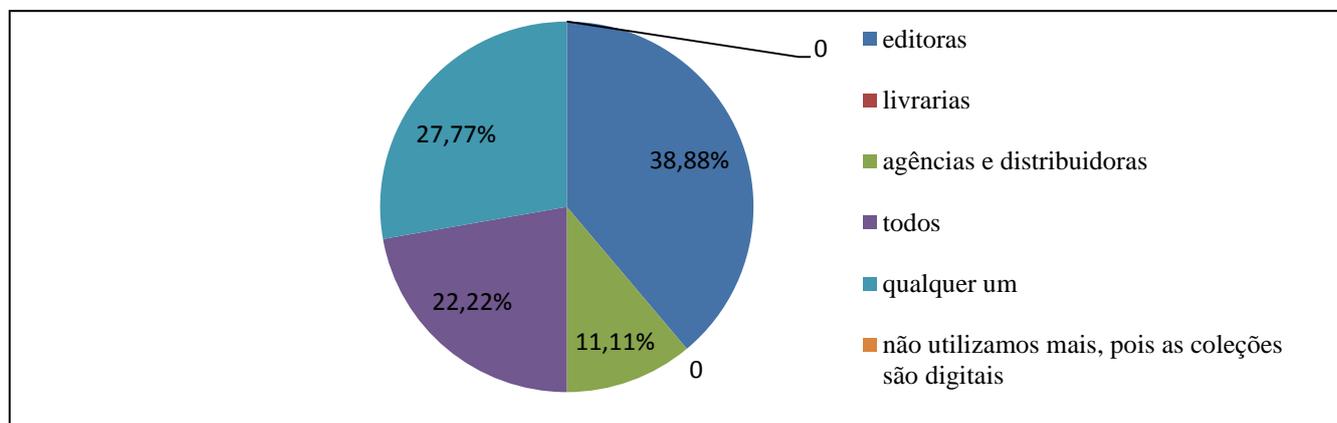
Fonte: o autor (2015).

Analisando a amostra de pesquisa distribuída por modalidades de bibliotecas, constatou-se que apenas em uma biblioteca pública e em uma escolar a preferência é pela permuta; logo, entre as bibliotecas públicas e escolares, há discrepância quanto à opção pelos processos de aquisição. De modo geral, a maioria das unidades prefere o processo de compra.

Dentre as 18 unidades que optam pelo processo de compra, segundo a resposta de 35% (sete sujeitos), o processo de compra é mediado por meio de editoras; 25% (cinco pessoas) disseram utilizar

qualquer fornecedor que esteja disponível; já para 20% (quatro indivíduos) utilizam-se todas as possibilidades e, duas unidades preferem firmar parcerias com agências e distribuidoras do ramo (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Fornecedores



Fonte: o autor (2015).

O processo de compra é realizado por meio de editoras em duas bibliotecas acadêmicas, duas universitárias, duas públicas e em uma escolar; utilizam qualquer fornecedor disponível, duas universitárias, uma especializada, uma escolar e uma pública; utilizam todas as possibilidades, uma especializada, duas acadêmicas e uma escolar; por fim, firmam parcerias com agências e distribuidoras, duas especializadas.

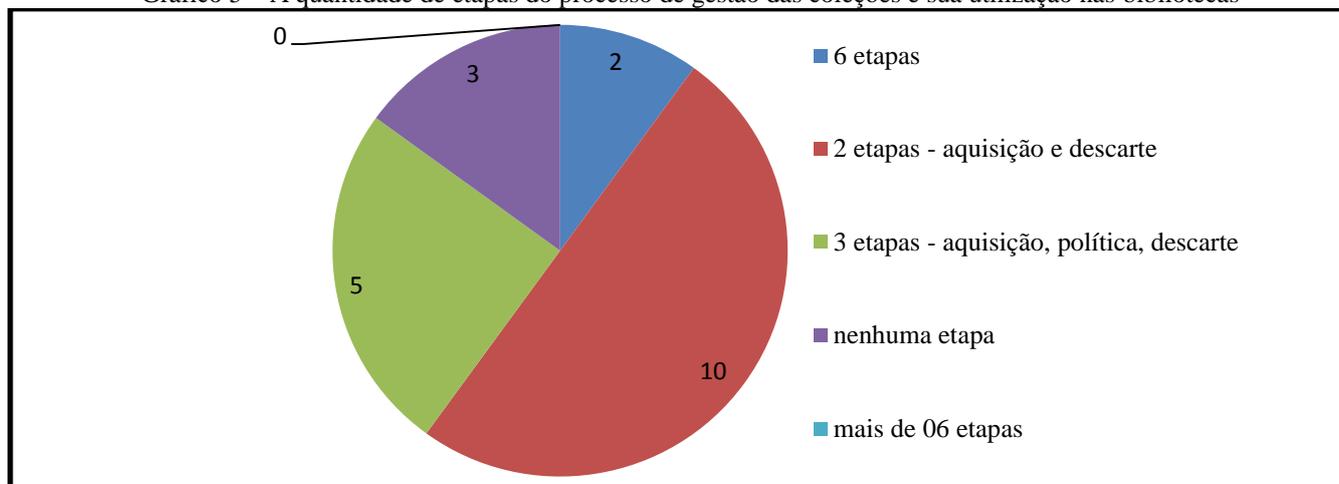
É importante ressaltar, com base nesses dados, que mesmo as bibliotecas e a sociedade em geral estejam adentrando-se ao espaço digital, as coleções ainda continuam sendo adquiridas por compra, tendo preferência também a prática da permuta. Segundo Andrade e Vergueiro (1996), independente do formato das coleções, elas precisarão ser fornecidas por instituições capacitadas para esse fim, tendo preferência aquelas que ofereçam os melhores serviços, a custo favorável e que divulgam seus serviços junto à unidade de informação.

3.1.4 Da gestão de processos e atuação do bibliotecário gestor

As últimas perguntas do questionário analisaram a respeito das seis etapas do processo de gestão das coleções, conforme descrito por Evans (1979) e a presença do bibliotecário gestor na condução desses processos de trabalho.

Sobre essas etapas, em duas bibliotecas apenas identificaram-se as seis etapas. Já em dez bibliotecas foram mencionadas apenas a etapa de aquisição e descarte. Em cinco bibliotecas mencionaram-se três etapas, considerando: política de seleção, aquisição e descarte. Em três unidades, o processo de gestão das coleções não é conduzido por etapas. Em nenhuma biblioteca, esse processo abrangeu mais de seis etapas (Gráfico 5).

Gráfico 5 – A quantidade de etapas do processo de gestão das coleções e sua utilização nas bibliotecas



Fonte: o autor (2015).

Quanto à concretização das etapas considerando as modalidades de bibliotecas, percebeu-se os seguintes dados: duas universitárias adotam todas as etapas; três escolares, duas especializadas, três públicas e duas acadêmicas adotam as etapas de aquisição e descarte; em duas universitárias, duas acadêmicas e uma pública recorrem às etapas política de seleção, aquisição e descarte; em uma escolar e duas especializadas não se manifestam nenhuma das etapas mencionadas na literatura.

De acordo com Evans (1979), dividir as atividades em etapas, estando elas devidamente atreladas, confere à gestão das coleções, um aspecto holístico, visualizando a unidade como um sistema integrado que trabalha de forma contínua, ininterrupta e processual. Além disso, ao estabelecer as divisões permite-se maior organização das atividades, facilitando o trabalho do gestor no que se refere à análise e controle de todas as atividades realizadas.

No que se refere à atuação de profissional específico quanto à gestão dos processos de trabalho voltados ao desenvolvimento da coleção, foi realizada pergunta aberta. Nas bibliotecas em que se constatou a presença de etapas, quais sejam, em 17 bibliotecas, a condução das atividades é supervisionada pelo bibliotecário gestor, que, segundo os respondentes, representa a direção de toda a biblioteca, tendo formação em Biblioteconomia e especialização na área de administração, seja através de cursos de capacitação ou através de especializações.

Já nas três bibliotecas em que as atividades de formar e desenvolver coleções acontecem em uma única etapa, o profissional que realiza essas atividades não é gerenciado por nenhum outro setor ou profissional. Trata-se de uma realidade em que a escassez de recursos humanos não permite que as etapas sejam concretizadas, sendo o profissional que atua no processamento técnico o mesmo responsável pelos processos de formar e desenvolver a coleção.

Não resta dúvida de que a presença de gestor, haja vista controlar as diversas atividades que conduzam o processo de gestão do acervo, é de extrema necessidade, assim como apontou o estudo de Corrêa (2013). Segundo esse estudo, é preciso que o gestor-bibliotecário atue na coordenação dos processos de trabalho, tendo em vista garantir sua execução com a maior eficácia possível, devendo para isso, desenvolver competências e habilidades específicas requeridas ao exercício da gestão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões propostas pela literatura e considerando as vinte bibliotecas analisadas, situadas em contextos diferentes e distribuídas em diversas modalidades, foi possível refletir acerca de alguns desafios e perspectivas sobre as práticas de formar e desenvolver coleções no âmbito das bibliotecas na contemporaneidade.

Constatou-se os diversos fatores que interferem na condução das atividades voltadas à formação e desenvolvimento das coleções bibliográficas no mundo moderno. De modo geral, a explosão

bibliográfica, os novos suportes e formatos de informação, fruto da revolução digital, assim como as exigências dos usuários são considerados os maiores influenciadores, os quais viabilizaram uma mudança de paradigma na área, ou seja, as coleções deixaram de ser custodiadas para serem gerenciadas.

O estudo realizado em campo demonstrou as atividades de formar e desenvolver coleções em diferentes modalidades de biblioteca. Mesmo possuindo realidades, políticas e culturas diferenciadas, as unidades estudadas enfrentam desafios similares e apresentam expectativas promissoras para a atuação do bibliotecário na gestão dessas coleções.

De modo geral, a grande maioria das bibliotecas divide as atividades de formar e desenvolver coleções em etapas, permitindo que se estabeleça uma sistematização aos processos de trabalho, o que consolida uma gestão processual, logo está em conformidade com o modelo holístico/sistêmico proposto pela literatura.

Nas bibliotecas, a amplitude das atividades e o delineamento dessas atividades em etapas irão requerer a presença do bibliotecário gestor, cujos fazeres correspondem à intervenção no sentido de monitorar e controlar: 1) a atuação dos profissionais; 2) os processos de trabalho; 3) as tecnologias utilizadas; 4) a logística dos setores; 5) os recursos necessários. O gestor atua como mediador que busca a melhoria contínua das atividades, na tentativa de garantir a excelência de todo o processo.

Os resultados alcançados permitem afirmar que o contexto em que a unidade está inserida representa o maior fator interferente na forma como as coleções serão gerenciadas, ou seja, as condições estruturais, a liberação de recursos, a presença de bibliotecário-gestor, as necessidades do público alvo e a cultura organizacional refletem nos processos de trabalho desenvolvidos em prol da formação e desenvolvimento da coleção.

Nesse contexto, constata-se a reflexão proposta por Vergueiro (1993) de que as atividades de formar e desenvolver coleções se concretizam de formas diferenciadas entre as diversas modalidades de biblioteca. Contudo, a análise na amostra desta pesquisa permitiu constatar ainda, que mesmo pertencentes às mesmas modalidades, as unidades ainda apresentam discrepâncias quanto aos processos de atrelados à gestão de coleções, o que evidencia a árdua e particular interferência do contexto organizacional em que a unidade esteja vinculada.

Assim como apontou Santa Anna, Calmon e Campos (2013), a respeito do contexto como maior influenciador nas práticas de catalogação, este estudo demonstrou as interferências do contexto organizacional no que tange à gestão das coleções. Espera-se que novos estudos mais aprofundados e específicos sejam realizados a partir desta pesquisa, sobretudo no que se refere às coleções digitais e à participação e perfil do bibliotecário-gestor no âmbito da gestão de coleções bibliográficas.

REFERÊNCIAS

AMBONI, Narcisa de Fátima (Org.). Apresentação. In: _____. *Gestão de bibliotecas universitárias: experiências e projetos da UFSC*. Florianópolis: UFSC, 2013.

ANDRADE, Diva.; VERGUEIRO, Waldomiro. *Aquisição de materiais de informação*. Brasília: Brique de Lemos/Livros, 1996.

CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à teoria geral da administração*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

CORREA, Elisa. Política de gestão de estoques de informação: uma proposta para atualização de conteúdo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, São Paulo, *Anais eletrônicos*. São Paulo: FEBAB, 2013. Disponível em: <

[file:///H:/Documents%20and%20Settings/Convidado/Meus%20documentos/Downloads/1433-1446-1-PB%20\(1\).pdf](file:///H:/Documents%20and%20Settings/Convidado/Meus%20documentos/Downloads/1433-1446-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2015.

_____; SANTOS, Luana Carla Moura dos. De formação e desenvolvimento de coleções para gestão de estoques de informação: um panorama da mudança terminológica no Brasil. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 342-354, maio/ago. 2015. Disponível em: <[file:///H:/Documents%20and%20Settings/Convidado/Meus%20documentos/Downloads/8634631-5072-2-PB%20\(1\).pdf](file:///H:/Documents%20and%20Settings/Convidado/Meus%20documentos/Downloads/8634631-5072-2-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2015.

CURY, C. R. J. A gestão democrática na escola e o direito à educação. *Revista Brasileira de Apolítica e Administração da Educação (RBPAAE)*, Porto Alegre, v. 23, n.3, p. 483-495, set./dez. 2007.

EVANS, G. E. *Developing library and information center collection*. Englewood: Libraries Unlimited, 1979.

FELICIO, Joana Carla; DIAS, Rafael Cobbe; TROGLIO, Jonathas. O processo de digitalização: experiência com as coleções especiais de teses e dissertações da UFSC. In: AMBONI, Narcisa de Fátima (Org.). *Gestão de bibliotecas universitárias: experiências e projetos da UFSC*. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 88-104.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Desenvolvimento e avaliação de coleções*. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.

GALDINO, Rejane; SILVA, Márcia Regina da. O desenvolvimento de coleções e o livro eletrônico: desafios para o profissional da informação. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 2., 2015, São Carlos, *Anais Eletrônicos*. São Paulo: UFSCAR, 2015. Disponível em: <<http://www.2erebd.ufscar.br/index.php/erebd/erebd/paper/viewFile/55/16>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

GASALLA, José Maria. *Gestão de Equipes: Confiança e trabalho em equipe*. 2015. Disponível em: <http://www.catho.com.br/cursos/index.php?p=artigo&id_artigo=657&aca_o=exibir>. Acesso em: 30 jun. 2015.

GODOI, Christiane Kleinumbig; BANDEIRA-DE-MELO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

LANCASTER, F. W. *Avaliação de serviços de bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. *Bibliotecas como organizações*. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MARTINS, Marco Antonio dos Santos. *Construção de indicadores para avaliação de desempenho empresarial*. 2004. 209 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: URGs. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4675/000458_696.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30

jun. 2015.

MILANESI, Luís. *Biblioteca*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 4, n.2, p. 01-19, jan./jun., 2007.

NASCIMENTO, Aline Vieira do; SANTOS, Ana Cristina Gomes. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias: o caso dos repositórios institucionais. In: SEMINÁRIO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17, *Anais Eletrônicos*, 16 a 21 set. 2012, Porto Alegre: Universidade Federal Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/index.php>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

RICÓN FERREIRA, José. *A biblioteca digital*. 2015. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~is/infousp/rincon/rincon.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

RODRIGUES, Anielma Maria Marques; CASTRO, Andréa Cardoso; SANTOS, Edgreyce Bezerra. Gestão em bibliotecas: um estudo realizado na associação recifense de ensino superior. *Biblionline*, João Pessoa, v. 9, n.1, p. 96-103, 2013. Disponível em: <<file:///H:/Documents%20and%20Settings/Convidado/Desktop/12322-29512-1-PB.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

SANTA-ANNA, Jorge. Trajetória histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. *Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.*, Campinas, SP, v.13, n.1, p.138-155, jan/abr. 2015. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/4119/pdf_89>. Acesso em: 24 ago. 2015.

_____; CALMON, Maria Aparecida; CAMPOS, Suelen de Oliveira. Fatores interferentes na catalogação: estudo em diferentes contextos. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CATALOGADORES, 9; ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, 2., 2013, Rio de Janeiro, *Anais eletrônicos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.abinia.org/catalogadores/20-175-1-PB.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

SILVA, S. O. Pensamento sistêmico e gestão por processos: uma revisão sistemática. *Revista Gestão & Conhecimento*, edição especial, nov. 2012. Disponível em: <http://www.pucpcaldas.br/graduacao/administracao/revista/artigos/esp1_8cbs/22.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis: APB, 1989.

_____. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 11, p. 13-21. jan./abr. 1993. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/1208/849>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

_____. *Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas*. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2010.

WEITZEL, Simone Rocha. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. *Perspectiva Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-67, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/11/pdf_929fb1f298_0012875.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2011.

_____. *Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias*. Rio de Janeiro: Interciencia; Niterói: Intertexto, 2006.

_____. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. *Transinformação*, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, set./dez., 2012. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1201/1176>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____. *Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciencia; Niterói: Intertexto, 2013.

WILKER, Bráulio. *Conceitos de Gestão e Administração: Revisão Crítica*. 2015. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfPZcAE/conceitos-gestao-administracao-revisao-critica>>. Acesso em: 30 jun. 2015.